

## O ROMANCE HISTÓRICO COMO CONVERGÊNCIA ENTRE JORNALISMO, HISTÓRIA E LITERATURA

Uma análise da obra *O Continente I*

The historical novel as a convergence between Journalism, History and Literature: an analysis of the novel *O Continente I*

Eduardo Ritter<sup>1</sup>

### Resumo:

O Jornalismo nasce multidisciplinar e duas das áreas mais próximas são a História e a Literatura. Assim, o presente artigo traz uma análise do romance histórico *O Continente I*, que é o primeiro volume da trilogia *O tempo e o vento*, publicado pelo escritor Erico Verissimo após 15 anos de produção entre o final dos anos 1940 e início dos anos 1960. A narrativa, que abrange 200 anos de história do Rio Grande do Sul e do Brasil, apresenta algumas características comuns ao livro-reportagem, o que se justifica pela forte atuação de Erico Verissimo na imprensa gaúcha nos seus primeiros anos de trabalho. Um dos principais resultados da pesquisa é o resgate histórico de uma importante obra que flutua entre essas três áreas: Jornalismo, História e Literatura.

**Palavras-chave:** História do jornalismo, romance histórico, literatura, livro-reportagem, história.

### Abstract:

Journalism is born multidisciplinary, and two of the closest areas are History and Literature. Therefore, this paper presents an analysis of the historical novel *O Continente I*, the first volume of the trilogy *O tempo e o vento*, published by the writer Erico Verissimo after 15 years of production between the late 1940s and early 1960s. The narrative, which covers 200 years of history of Rio Grande do Sul and Brazil, presents some common characteristics of the book reportage, which is justified by Erico Verissimo's strong presence in the press of Rio Grande do Sul in his early years of work. One of the main results of the research is the historical rescue of an important work that oscillates between these three areas: Journalism, History, and Literature.

---

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com estágio doutoral (PDSE/Capes) na Universidade de Nova Iorque. Professor do curso de Jornalismo do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).. E-mail: [rittergaucho@gmail.com](mailto:rittergaucho@gmail.com).

**Keywords:** History of journalism, Historical novel, Literature, Book reportage, History.

## Considerações iniciais

Desde a pré-história do Jornalismo, classificada por Marcondes Filho (2000) como o período que inicia em 1631 e que termina com o início da Revolução Francesa, em 1789, até a contemporaneidade, a imprensa sempre andou lado a lado com a História e a Literatura. Um exemplo disso são as grandes reportagens, como a clássica Hiroshima, de John Hersey, publicada originalmente em 1946 pela *The New Yorker* e que depois foi lançada como livro-reportagem, tornando-se um documento importante para qualquer pesquisa sobre a Segunda Guerra Mundial. Além disso, a lista de escritores que buscaram no jornalismo um trabalho remunerado é extensa, conforme é possível perceber ao observar, por exemplo, a lista dos 100 maiores autores da literatura apresentados por Masina (2009). A lista de escritores que atuaram nas redações é grande e conta com como Albert Camus, Alexandre Dumas, Carlos Fuentes, Charles Dickens, Eça de Queiroz, Edgar Allan Poe, Émile Zola, Ernest Hemingway, Ernesto Sabato, Euclides da Cunha, Fiódor Dostoiévski, Franz Kafka, Francis Scott Key Fitzgerald, Gabriel Garcia Márquez, Graciliano Ramos, Graham Greene, Guy de Maupassant, Honoré de Balzac, Jack London, Jorge Luis Borges, José de Alencar, José Saramago, Machado de Assis, Marcel Proust, Mark Twain e muitos outros.

No Brasil, essa tendência se repete. Um exemplo disso é a vida e obra de Erico Verissimo (1905-1975). O romancista, que ao longo de sete décadas publicou 13 romances, iniciou a carreira como jornalista na Revista e Editora Globo. Tal experiência aparece em diversas obras, como aponta Ritter (2016) ao fazer o levantamento dos personagens-jornalistas que aparecem nas narrativas ficcionais de Verissimo e constatar que em 10 romances ele utiliza personagens jornalistas. Mas a relação entre jornalismo e literatura

na obra de Verissimo vai além: ele também criou através da mescla entre realidade e ficção grandes romances históricos, com destaque para a trilogia *O tempo e o vento*.

Destarte, surge o seguinte problema de pesquisa: como a ficção de Erico Verissimo se relaciona com o Jornalismo e a História? Para tanto, delimitou-se como objeto de pesquisa o primeiro volume de *O tempo e o vento*, intitulado *O continente I*. O principal objetivo deste estudo é identificar na narrativa de Verissimo elementos que permitem classificar o romance como um documento histórico com características semelhantes ao livro-reportagem. Assim, inicialmente são apresentadas reflexões sobre as relações entre Jornalismo, História e Literatura. Em um segundo momento é apresentado o escritor Erico Verissimo, com ênfase na sua atuação no jornalismo. Por fim, é feita a análise da obra *O Continente I*.

No que se refere à metodologia, optou-se por técnicas e métodos abertos, como aqueles apresentados por Machado da Silva (2011) e Feyerabend (2003). Com uma metodologia aberta, espera-se que o objeto de estudo venha a falar por si em toda a sua complexidade. Não se busca, portanto, nenhum tipo de submissão a algum método fechado, pois “quando o pesquisador se submete à metodologia, perde o caminho do descobrimento” (MACHADO DA SILVA, 2011, p. 20). Enquanto isso, Feyerabend (2003) ressalta que nenhum processo metodológico deve ser ignorado durante a realização da pesquisa, afinal a definição prévia de uma metodologia fechada pode privar o estudo de chegar a importantes temas do tema pesquisado.

## **1. Jornalismo, Literatura e História: tão diferentes, mas tão iguais**

Apesar das ligações históricas que podem ser apontadas relacionando o Jornalismo, a Literatura e a História, diversos teóricos apresentam a diferenciação dos gêneros. Um deles é Marcelo Bulhões que, em *Jornalismo e Literatura em Convergência* (2007), defende que há certo abismo ontológico que separa, por exemplo, o Jornalismo da

literatura. Enquanto o jornalismo teria como função apurar os acontecimentos, difundir informações da atualidade, captando o movimento da própria vida, visando a isenção e a imparcialidade, a literatura teria uma natureza oposta a do jornalismo, adotando uma linguagem verbal de uma dimensão que não é meio, mas fim. Para Bulhões (2007), na literatura, a linguagem não é figurante, mas sim o centro das atenções. Conforme o autor, na realização literária, o mundo fora da linguagem só importa se o verbal que o transmitir estiver transmutado, recriado, destituído de sua função cotidiana e costumeira. A razão de ser da literatura não é exatamente a comunicação. “Não existe caminho para a literatura que seja um desvio do próprio texto literário” (BULHÕES, 2007, p. 13). Nesse sentido, o autor destaca que a convergência entre jornalismo e literatura é, por natureza, um território de impasses:

O percurso de convergência entre jornal e letras - isto é, entre jornalismo e literatura - é um território de impasses, ajustes e conflitos derivados das configurações assumidas pelas duas expressões segundo as demandas econômicas capitalistas peculiares de cada fase da vida ocidental. Assim, o exame das feições formais assumidas por ambos, suas realizações no campo da linguagem, não estão separadas de tais condições materiais. (BULHÕES, 2007, p. 28)

Nesse sentido, o ponto essencial da confluência de gêneros entre jornalismo e literatura é o que se refere à narratividade. “Produzir textos narrativos, ou seja, que contam uma sequência de eventos que se sucedem no tempo, é algo que inclui tanto a vivência literária quanto a jornalística” (BULHÕES, 2007, p.40). Assim, a narratividade apresenta uma conexão estreita com a temporalidade, que é o elemento chave da história. “Além disso, é bom não perder de vista que a narratividade está intimamente vinculada à necessidade humana de conhecimento e revelação do mundo ou da realidade”, acrescenta. Tais narrativas, estando publicadas, mesmo quando não apresentam nenhum compromisso com a realidade acabam se tornando um documento histórico, pois em última análise elas representam, mesmo que minimamente, a época em que foram produzidas.

Já Edvaldo Pereira Lima e Eduardo Belo dão nome a esse ponto em que há a convergência entre o jornalismo e a literatura que se tornam documentos históricos: livro-reportagem. Assim como Pena (2006), Belo (2006) também apresenta esse formato como uma alternativa ao jornalismo cotidiano. Comparando as condições para publicações brasileiras com a realidade dos Estados Unidos, ele comenta: “Ainda sem o mesmo potencial e mesmo com as dificuldades inerentes a uma economia restrita e um mercado editorial limitado, esse tem sido um caminho promissor para os profissionais da reportagem” (BELO, 2006, p. 18). Pereira Lima (2004), por sua vez, vai mais longe, e apresenta uma série de classificações para os tipos de livros reportagens, que vai do perfil e do depoimento até os mais complexos como o livro-reportagem ciência e o instantâneo. Outra classificação é o livro-reportagem história, que é quando o repórter produz uma obra sobre fatos históricos. Martinez (2016) complementa tais classificações, trazendo alguns princípios do Jornalismo Literário: exatidão, contar uma história, humanização, compreensão, universalidade temática, voz autoral, imersão, simbolismo, criatividade e responsabilidade ética.

Para a análise de um romance histórico que apresenta alguns traços comuns ao livro-reportagem, o item simbolismo é o mais significativo, pois ele está presente tanto nas obras de cunho histórico, literário e jornalístico. “O repórter evidentemente atua na captação de realidade simbólica e não na realidade primária biopsicofísica” (MARTINEZ, 2016, p.48). Ou seja, assim como o ficcionista e o historiador, o repórter está trabalhando com simbolismos que permitem relacionar e contextualizar um fato em um sentido universal. Destarte, apesar das diferenças ontológicas que separam as áreas, há sim, muitas semelhanças que não podem ser ignoradas e que vão aparecer, por exemplo, em romances históricos como os produzidos por Erico Verissimo.

## **2. Erico Verissimo: de jornalista à ficcionista**

Assim como a maioria dos romancistas e ficcionistas do mundo ocidental, Erico Verissimo também foi buscar no jornalismo uma forma de se manter financeiramente enquanto tentava decolar na sua carreira de escritor. Dessa forma, o autor deixou a sua cidade natal, Cruz Alta, em 1930, quando tinha 25 anos, para trabalhar na Editora Globo, fundada um ano antes, e que naquele momento lançava a Revista do Globo. Hohlfeldt e Strelow (2008), abordando a trajetória do escritor, destacam que em “seus primeiros vinte anos, [Verissimo] viverá intensamente a experiência jornalística, embora muito mais enquanto colaborador do que jornalista, propriamente dito. A experiência, não obstante, marcará a sua vida e a sua literatura” (HOHLFELDT; STRELOW, 2008, p.5).

Na mesma época, mesmo trabalhando na Revista do Globo, Verissimo e sua família passavam por enormes dificuldades financeiras. Para completar o orçamento, o então jornalista traduzia livros do inglês para o português. Assim, ele trabalhava o dia inteiro na revista, e à noite se dedicava às traduções até as primeiras horas da madrugada. Foi justamente por meio da Editora Globo, que Verissimo lança o seu primeiro livro em 1932: *Fantoches*. Na biografia escrita sobre o seu chefe, Henrique Bertaso, Verissimo conta que teve que vencer o medo que tinha para solicitar a publicação dos contos, escritos e publicados em jornais:

Um dia enfrentei Henrique Bertaso. Foi no salão geral de vendas da Livraria, junto de um dos balcões. Ambos desajeitados. Ambos sérios. Vozes em surdina. Eu disse: Gostaria de reunir num livro uns contos meus já aparecidos em jornais. Sei que não é bom negócio para a Editora fazer isso por conta própria. Estou disposto a pagar a edição do meu bolso. Só queria um orçamento... e condições fáceis de pagamento. Cabeça baixa, cara sempre séria, Henrique coçou a coroa da cabeça, refletiu por um instante e depois resmungou: Podemos publicar seu livro por conta da Casa. Onde estão os originais? Impossível! Engoli em seco. Balbuciei um agradecimento canhestro. Separamo-nos. (VERISSIMO, 1994, p.32)

O livro consistia em uma coleção de contos, em sua maioria em forma de peças de teatro. Já em 1935, Verissimo é eleito primeiro presidente da Associação Riograndense de

Imprensa (ARI), com 88 votos dos 114 jornalistas aptos a votar. Em 1936, depois de publicar *Clarissa* (1933), *Caminhos Cruzados* (1935), *A vida de Joana d'Arc* (1935), Verissimo lança mais dois romances: *Música ao longe* e *Um lugar ao sol*. Foi nesse ano também que Verissimo assume dois programas na Rádio Farroupilha: “Amigo Velho” e “O Clube dos 3 Porquinhos” (RITTER, 2016). Antes de escrever *O resto é silêncio*, o romancista ainda publicaria *Olhai os lírios do campo* (1938) e *Saga* (1940). Vale ressaltar o levantamento feito sobre a produção de Verissimo para a imprensa, apresentado em estudo de Hohlfeldt e Strelow (2008), que indica que, entre 1929 e 1939, foram identificados 13 textos de ficção e 35 textos entre crônicas e artigos.

Dentro deste contexto que a Editora Globo lança em 1937 uma nova revista, denominada *A Novela*, que também foi dirigida por Verissimo. A exemplo das demais revistas do gênero, ela reproduzia romances, além de contos, peças de teatros e resenhas de livros, sendo que era publicada mensalmente. No mesmo ano, Verissimo começa a escrever *Olhai os Lírios do Campo*, que seria publicado no ano seguinte. Neste mesmo período, além do trabalho na revista, ele tinha que dividir o horário de folga com os dois filhos.

Nesse momento Luís Fernando aproxima-se de mim, atraído pelas batidas da máquina. Vou continuar a escrever mas meu filho agarra a extremidade do cilindro e puxa-o bruscamente para provocar aquele retintim de campainha que tanto o diverte. Clarissa também se acerca e pendura-se no meu pescoço. Tento, em vão, desembaraçar-me dos dois sabotadores. Impaciente, escrevo: Como é possível trabalhar se estas crianças não me deixam em paz? (VERISSIMO, 1994, p.19)

No ano seguinte, Verissimo abandona por completo a *Revista do Globo*, passando a dedicar todo o seu tempo ao departamento editorial. Também é nessa época que se intensifica a notoriedade de seu nome em todo o Brasil.

Tornando-se conhecido nacionalmente pelas suas produções literárias, da década de 1940 em diante, Verissimo passa a publicar as suas principais obras, tais como *O tempo e o*

vento, Senhor Embaixador e Incidente em Antares, além de livros de viagem. Destas produções que surge o primeiro volume da trilogia O tempo e o vento, abordado a partir do próximo item.

### **3. O resgate histórico de O Continente I**

A obra O Tempo e o Vento, trilogia composta por sete volumes divididos nos livros O Continente (1 e 2), O Retrato (1 e 2) e O Arquipélago (1, 2 e 3), totalizando mais de 2.200 páginas, é até hoje considerada a mais famosa obra de Erico Verissimo. Além disso, o livro também se tornou uma referência para qualquer estudo realizado sobre a história do Rio Grande do Sul, já que a narrativa abrange o período histórico que inicia em 1745 e vai até 1945. Devido à amplitude da obra, nesta pesquisa foi delimitada para a análise apenas o primeiro volume da trilogia literária, O Continente I. Neste livro, a exemplo do que acontece no segundo volume de O Continente, o autor trabalha a temporalidade da história, dividindo os capítulos intitulados O Sobrado de I a IV, colocando-os intercaladamente antes dos demais: A Fonte, Ana Terra e Um Certo Capitão Rodrigo.

Antes de olhar para o enredo, entretanto, vale levantar à questão: de onde surgiu a ideia do autor escrever tal romance histórico? Apesar de ter começado a produzir a narrativa em 1947, Verissimo conta em seu livro de memórias que a ideia de fazer o livro surgiu bem antes, vindo a madurecer com o tempo:

Estou hoje convencido de que foi uma pena eu não ter mantido um diário durante os muitos anos em que estive ocupado e preocupado em escrever os romances que iriam formar a trilogia que leva o título geral de O Tempo e o Vento. Esse jornal não só teria registrado os pensamentos, sentimentos, dificuldades, dúvidas, ânimos e desânimos do escritor empenhado em fazer o que ele esperava viesse a ser sua obra máxima, como poderia também ter mostrado como os acontecimentos políticos e sociais desses agitados quinze anos da vida nacional e internacional se refletiram na mente, na vida e na obra do romancista. Quando teria ocorrido pela primeira vez a idéia de escrever uma saga do Rio Grande do Sul? Em 1935, quando meu Estado comemorou o primeiro centenário da Guerra dos Farrapos? Não sei ao certo. Não creio que idéias como essa nos caíam na cabeça com a força súbita de um raio. É mais provável que comecem de ordinário com uma nebulosa de origem ignorada,

que se mistura com as outras que povoam nossos misteriosos espaço e tempo interiores e aos poucos vão tomando a forma dum mundo. (VERISSIMO, 1994, p.287-288)

Mais tarde essa ideia inicial ganhou consistência, e o trabalho, que iniciou em 1947, só foi concluído quinze anos mais tarde, após “longuíssimos períodos de completa esterilidade, dúvida, descoroçoamento, fuga inconsciente da obrigação de escrever, tergiversações disfarçadas por motivos aparentemente legítimos” (VERISSIMO, 1974, p.295). Desde a primeira parte do livro *O Continente I*, no capítulo *A Fonte*, Verissimo utiliza dados históricos para compor o romance. Isso fica claro quando ele explica a discórdia entre Portugal e Espanha, e que define a época em que se desenvolve o enredo sob o ponto de vista cronológico:

Um dia, em futuro talvez não mui remoto, os portugueses haveriam de fatalmente voltar seus olhos cobiçosos para os Sete Povos. Fazia sessenta e cinco anos que, com o fim de estender ainda mais seu império na América, haviam eles fundado à margem esquerda do Rio da Prata a Colônia do Sacramento, a qual desde então passara a ser um ponto de discórdia entre Espanha e Portugal. (VERISSIMO, 1978, p.21-22)

A preocupação em dar vida à história, através de personagens fictícios que se misturam com figuras verdadeiras da história do Rio Grande do Sul, foi assumida pelo autor, ao explicar que, contando a história de uma forma romanceada, existe uma tendência mais acentuada de se despertar um interesse maior do leitor pelo assunto, como ele mesmo justifica. Sobre os livros escolares da época, o escritor escreveu nas suas memórias: “Redigidos em estilo pobre e incolor de relatório municipal, eles nos apresentavam a História do nosso Estado como uma sucessão aborrecível de nomes de heróis e batalhas entre tropas brasileiras e castelhanas” (VERISSIMO, 1994, p.289).

Essa preocupação em contar a história de uma forma diferente da repassada pelos livros didáticos, coloca *O Continente I*, assim como os demais volumes de *O Tempo e o Vento*, também como um trabalho que flertou com a grande reportagem, já que ele faz um estudo

bibliográfico e realiza entrevistas para obter o maior número de informações possíveis sobre o assunto abordado, com o objetivo de transmitir os dados históricos ao leitor com a maior precisão possível. Encontra-se aqui uma forte ligação do trabalho literário desenvolvido pelo ficcionista com alguns aspectos do jornalismo e do livro-reportagem.

O aprofundamento é extensivo, ou horizontal, quando o leitor é brindado com dados, números, informações, detalhes que ampliam quantitativamente sua taxa de conhecimento do tema. O aprofundamento é intensivo, ou vertical, quando o leitor é alimentado de informações que lhe possibilitam aumentar qualitativamente sua taxa de conhecimento. Isso é, há uma análise multiangular de causas e conseqüências, de efeitos e desdobramentos, de repercussões e implicações. (LIMA, 2004, p.40)

Assim, utilizando uma linguagem diferente das apresentadas nos livros didáticos, ou dos livros exclusivamente ficcionais, que Verissimo conta em *A Fonte* a história dos padres jesuítas que viviam no Rio Grande do Sul no século XVIII, como eram as relações entre Portugal e Espanha e como o povo que lá vivia foi desconsiderado nas negociações que envolviam as divisões das terras, destacando também a vida de nomes históricos, como o índio Sepé Tiaraju. Essa capacidade de colocar personagens reais no romance, sem alterar as informações que acercam os acontecimentos históricos, é muito bem feita por Verissimo em sua narrativa.

Veja-se esse trecho do capítulo *A Fonte*, onde Sepé Tiaraju entrega uma carta ao Padre Alonzo antes de partir para mais uma batalha. O personagem Pedro Missioneiro, que nessa época ainda era um garoto, prevê que o índio iria morrer em breve, em uma convergência entre a criação literária e o fato histórico.

Alonzo lera a carta e tornara a entregá-la a Sepé Tiaraju, que a metera sob a camisa, no dia em que saíra a enfrentar os exércitos inimigos mandados para atacá-lo, sob o comando do governador de Montevideú.

Alonzo despediu-se do alferes real ali na praça da redução, à frente da catedral. E quando o Cap. Sepé montou a cavalo e desapareceu com seus homens na encosta do outeiro, Pedro puxou a manga da roupeta do padre e disse:

- O Capitão Sepé não volta mais. (VERISSIMO, 1978, p.53-54)

Os anos em que Erico Verissimo trabalhara como jornalista bem como a construção prévia de narrativas de viagens auxiliou o escritor a trabalhar com profundidade um enredo histórico mesclando fatos reais com ficção. Conforme conta em suas memórias, Verissimo (1974) realizou estudos minuciosos e diversas entrevistas para escrever o romance, utilizando técnicas que reportagens adotadas por repórteres que vão se dedicar a uma apuração que vai resultar em uma grande narrativa. Os livros de memórias, as narrativas ou relatos de movimentos políticos e revolucionários, também podem estar enquadrados na classe do jornalismo em forma literária” (OLINTO, 1968, p.38). Conforme o autor, obras como Dez dias que abalaram o mundo, de Reed, Minha vida, de Trotsky, Memórias, de Gandhi, Chamaram-me Cassandra de Tabquis, dentre outras, podem ser caracterizadas como reportagem, “podendo haver, entre eles, uma diferença de mensagem, mas a mesma concepção de estrutura, por muito diversas que sejam técnicas usadas”.

A linguagem utilizada por Erico Verissimo e sua capacidade de criação, sem alterar os fatos históricos, fica evidente em outro trecho de O Continente I, onde ele descreve o encontro do índio Sepé Tiaraju com o capitão português Gomes Freire:

O índio baixou para ele um olhar de desdém e respondeu:  
- Beijar a mão de teu general? A troco de quê? Pensas acaso que estou na terra dele e não na minha?  
Ao ouvir essa resposta traduzida pelo intérprete, Gomes Freire exclamou, irritado:  
- Diga a esse índio que ele é um bárbaro.  
Sepé sorriu e respondeu simplesmente:  
- Diz ao teu patrão que ele é mais bárbaro que eu. (VERISSIMO, 1978, p.57)

O diálogo entre personagens que já faleceram, aliás, foi uma técnica utilizada por um repórter brasileiro contemporâneo. Em Rota 66, o jornalista Caco Barcellos (2002)

descreve um diálogo entre os jovens que estavam em um fusca e que foram mortos por policiais. Como não houve sobreviventes, fica evidente que o diálogo presente no livro-reportagem foi todo imaginado pelo repórter. Tal criação, porém, não diminui a credibilidade da obra, que é lida pelo público como não-ficção.

Na narrativa de Verissimo, é justamente a partir do ano de 1777 que inicia o capítulo intitulado Ana Terra, até hoje uma das personagens mais famosas da literatura gaúcha, e também apontada como referência sempre que se busca algum nome que defina o que é ser mulher no Rio Grande do Sul. Foi justamente construindo personagens como a própria Ana Terra, seu pai Meneco e a mãe, Henriqueta, além dos irmãos Horácio e Antônio, que Erico Verissimo fez um impressionante relato sobre como era a vida do povo que morou no sul do Brasil naquele período. Para isso o autor teve que se colocar na pele desses personagens e das pessoas que lá viveram, dando um caráter de realismo ao romance.

Naquele ermo aquela gente nada mais fazia que trabalhar de sol a sol, comer, dormir, esperar... Um dia era quase sempre a repetição do anterior. A família estava ilhada naquele mar verde de horizontes sem fim. Não tinham calendário, nem relógio, nem vizinhos próximos. Não tardei, porém, a descobrir que era exatamente dessa pobreza, dessa quase indigência que eu devia tirar efeitos novelescos e dramáticos. Sim, e havia ainda o corpo moço de Ana Terra e seus desejos reprimidos. (VERISSIMO, 1994, p.289)

Mesmo com a monotonia descrita acima, que era natural na maioria das casas de proprietários rurais espalhadas pelo interior do Rio Grande do Sul, Verissimo conseguiu criar um enredo envolvente, principalmente neste momento em que Ana Terra começa a amadurecer enquanto mulher. Nesse trecho da obra aparece o indígena Pedro Missioneiro, que é recebido e tratado pela família Terra como se fosse um cachorro sem dono. É nesse contexto que Ana Terra se envolve sentimentalmente com o indígena, vindo a engravidar.

Quando o pai e os irmãos de Ana descobrem que ela espera um filho de Pedro Missioneiro, eles matam-no, o que muda a rotina da casa, dando mais dramaticidade a história, que volta a se alterar com o nascimento de Pedro Terra, e com o posterior assalto onde a família de Ana é morta por estrangeiros, que também abusam sexualmente dela. Depois disso, ela parte com o filho para um novo povoado, chamado então de estância de Santa Fé, que era comandado pelo coronel Ricardo Amaral. Mesmo se tratando de um romance, onde cada personagem tem sua vida, os episódios ilustram dramas que aconteciam naquela época, como a morte indiscriminada de indígenas e abuso sexual contra mulheres. Além disso, durante toda a narração são descritos fatos históricos, abordados sob o ponto de vista dos personagens, descrevendo a rotina da época.

Falava com certo desdém dos açorianos que vira em Rio Pardo, Porto Alegre e Viamão, com suas barbichas engraçadas, seus olhos azuis e sua fala esquisita. Para Ricardo., trabalho manual era para mulher ou para negro. Um homem bem macho devia saber manejar a espada, a lança a espingarda e a pistola, entender de criação e ser bom cavaleiro. (VERISSIMO, 1978, p.134)

Como já foi mencionado anteriormente, para fazer este romance Verissimo teve que fazer um grande estudo sobre a história e sobre como viviam os povos que habitavam o Rio Grande do Sul naquela época, o que inclui, por exemplo, a cultura e a forma de pensar dos escravagistas. Lima (2004) destaca a importância do embasamento documental e a coleta de dados para a composição de um livro-reportagem, que foi usada da mesma forma pelo romancista. “A documentação, como auxílio à fundamentação do tema de que trata a reportagem, [...] ganha vigor e poder de sustentação”. (LIMA, 2004, p.128-129).

No capítulo intitulado Um Certo Capitão Rodrigo, ganham destaque os costumes e a linguagem utilizada pelos personagens. A mistura do espanhol com o português teve bastante influência na forma com que os gaúchos se expressam até hoje. Isso fica claro em diversos diálogos envolvendo os personagens, como neste, em que o capitão Rodrigo chega a Santa Fé:

- Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho!

Havia ali uns dois ou três homens, que o miraram de soslaio sem dizer palavra. Mas dum canto da sala ergueu-se um moço pequeno, que puxou a faca, olhou para Rodrigo e exclamou:

- Pois dê! (VERISSIMO, 1978, p.171)

Outro dado que chama a atenção, é que apesar do fato narrado representar algo que teria ocorrido em 1828, e de ter sido escrito pelo romancista por volta de 1947, a linguagem utilizada pelos personagens ainda é comum em qualquer cidade do interior do Rio Grande do Sul das primeiras décadas deste século XXI. Já no romance, a chegada de Rodrigo Cambará a Santa Fé passa a gerar conversas e fofocas sobre o “forasteiro”, exatamente da mesma forma que ocorre em muitos municípios pequenos espalhados pelo sul do Brasil. Na narrativa, o capitão acaba se apaixonando por Bibiana Terra, filha de Pedro Terra, personagem este que representa bem como eram os habitantes do interior do Rio Grande do Sul, já que ele era quieto, trabalhador e avesso as “novidades” que vinham de Porto Alegre e do centro do país. Mas para poder ficar com Bibiana, o capitão Rodrigo tem que enfrentar a família Amaral, já que o filho do coronel Ricardo também está apaixonado pela filha de Pedro Terra.

O livro também ganhou notoriedade internacional por tratar da chegada dos primeiros colonizadores europeus ao estado, como fica claro no seguinte trecho do capítulo Um Certo Capitão Rodrigo, onde a chegada de imigrantes alemães a Santa Fé é narrada pelo autor:

Em princípios de 1833 Santa Fé foi sacudida por uma grande novidade: a chegada de duas carroças conduzindo duas famílias de imigrantes alemães, as primeiras pessoas dessa raça a pisarem o solo daquele povoado. Os recém-chegados acamparam no centro da praça, e em breve toda a gente saía de suas casas e vinha bombear. Muitos dos santafezenses nunca tinham visto em toda a sua vida uma pessoa loura, e aquela coleção de caras brancas, cabeleiras ruivas e douradas, olhos azuis, esverdeados e cinzentos – era uma novidade tão

grande, que a manhã de fevereiro mais parecia um dia santo com quermesse, cantigas e danças na frente da igreja. (VERISSIMO, 1978, p.271)

Essa descrição de como eram os imigrantes e de como foi o relacionamento deles com o povo que morava no Rio Grande do Sul na época, fez com que o livro também fosse bastante lido fora do Brasil, com traduções principalmente para o alemão. Outro fato que resultou no sucesso de *O Tempo e o Vento* em outros países foi a utilização de personagens estrangeiros, como o médico alemão Dr. Winter, de *O Continente II*.

O drama que envolve cada personagem é narrado sempre abordando fatos históricos, como as diversas guerras que ficaram para a história do Rio Grande do Sul, abordadas pela personagem Picucha Terra Fagundes ao final do volume I, que representa muito bem como era a vida de muitas mulheres que viram seus filhos e maridos indo para guerras, sem a garantia de que um dia fossem voltar. O texto é produzido no formato de entrevista, o que novamente dá um caráter jornalístico à obra, afinal, Verissimo sabia como utilizar os recursos aprendidos nos anos de redação nas suas narrativas ficcionais:

E o tempo continuava a andar num tranco lento de boi lerdo. Entrava inverno, saía inverno. E a guerra nada de acabar.

Notícias foram chegando.

Batalha do Taquari. Nessa perdi dois filhos.

Cerro dos Porongos. O Gen. Canabarro foi pegado de surpresa: mais três filhos meus que se foram. Depois veio a paz, com honras pros dois lados. Mas a flor do Continente se perdeu. Os campos ficaram desertos, as mulheres de luto, casas viraram tapera, cidades empobreceram, cemitérios cresceram, os urubus engordaram e muita gente até hoje passa necessidade por causa dessa guerra e os que antes não tinham nada, depois dela ficaram com menos.

E agora aqui está a velha Picucha Terra Fagundes, esperando a chamada de Deus.

Ah! Ia me esquecendo de lhe dizer que tenho sete netos, todos homens.

Quando vejo eles, que já estão grandotes, sinto um calafrio pensando noutra guerra.

Por falar nisso, vassuncê acha fundamento nos boatos que andam correndo que vai haver outro barulho com os castelhanos?

Deus queira que seja mentira, mais uma guerra ninguém agüenta.

Mas vá tomando seu mate. Quem sabe aceita uns bolinhos? Não faça cerimônia, a casa é sua. (VERISSIMO, 1978, p.311)

Esse trecho, além de retratar como muitas mulheres viviam naquela época, também destaca a linguagem utilizada pelos habitantes gaúchos dos séculos XVIII e XIX. Toda essa capacidade de resgatar um período de 200 anos da história de um povo, mostrar como viviam, como falavam, do que gostavam, o que pensavam e o que ocorria naquele tempo, consagra até hoje Verissimo como um dos principais jornalistas-escritores do país, especialmente quando o assunto é romance histórico.

### **Considerações finais**

Conforme apontado, a obra *O Continente I*, que é o primeiro volume da trilogia *O tempo e o vento*, demonstra a convergência que pode existir em um texto literário entre a História, a Literatura e o Jornalismo. Fazer o resgate de tais obras sob essa perspectiva, além de ter uma relevância ímpar para os estudos sobre história da imprensa e da literatura, também nos lembra que tais narrativas trazem dados enriquecedores para o entendimento da sociedade, da cultura e da história do Rio Grande do Sul e do Brasil.

A abordagem do romance histórico de Erico Verissimo como um gênero que apresenta características do livro-reportagem termina por ressaltar a relevância do jornalismo na formação do imaginário coletivo e também como consolidação de documento histórico. Afinal, por meio de um olhar crítico e contextualizado se compreende a maneira como a imprensa (e o livro reportagem e o romance históricos aqui entendidos como parte da imprensa) influencia e é influenciada pelo que acontece na história. O jornalismo e a literatura, contudo, são pontes possíveis que podem ligar esse passado com o presente indicando possibilidades para o futuro em outros estudos.

Já no que tange à pesquisa, vale retomar a questão norteadora deste estudo: como a ficção de Erico Verissimo se relaciona com o Jornalismo e a História? Como ficou claro, o romance histórico *O Continente I*, objeto de estudo delimitado para o presente artigo,

demonstra que o autor, além de utilizar algumas técnicas de apuração e de produção típicos do jornalismo, também escreveu a narrativa preocupado em contar um período significativo da história do Rio Grande do Sul e do Brasil. Conforme apontado, a formação de Erico Verissimo no jornalismo teve forte influência para que isso fosse posto em prática na trilogia do escritor.

Por fim, destaca-se que essa pesquisa integra um estudo mais amplo do autor sobre a temática, que inclui as relações entre jornalismo, história e literatura, além da vida e obra do escritor e jornalista Erico Verissimo. Acredita-se que tal perspectiva pode contribuir para a ampliação do conhecimento, não apenas dentro do campo da Comunicação, mas também em áreas afins, proporcionando uma reflexão mais profunda sobre a história da imprensa e o seu papel na formação de uma memória e de uma identidade coletiva.

## Referências bibliográficas

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Editora Unesp, 2003.

HOHLFELDT, Antonio Carlos. ; STRELOW, Aline . Erico Verissimo, permanente jornalista militante. In: Melo, José Marques de. (Org.). **Imprensa brasileira** - Personagens que fizeram história - Volume III. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

LIMA, Evaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. Barueri: Manole, 2004.

MACHADO DA SILVA, Juremir. **O que pesquisar quer dizer** – como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da Capes. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo literário – **Tradição e inovação**. Florianópolis: Insular, 2016.

MASINA, Lea. **Guia de leitura** – 100 autores que você precisa ler. Porto Alegre: LPM, 2009.

OLINTO, Antônio. **Jornalismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

RITTER, Eduardo. **A tribo jornalística de Erico Verissimo**. Ijuí: Unijuí, 2016.

VERÍSSIMO, Érico. **O Tempo e o Vento – O Continente 1**. Porto Alegre: Globo, 1978.

VERÍSSIMO, Érico. **Solo de Clarineta**. São Paulo: Globo, 1994.